

Jovens no tráfico: alta rotatividade e baixos salários  
Aline Gatto Boueri 24/11/2006

Resumo:

Qual o perfil do jovem que vive (e morre) do tráfico? Um passo importante para responder à difícil pergunta foi dado ontem com o lançamento da pesquisa "Caminhada de crianças, adolescentes e jovens na rede do tráfico de drogas no varejo do Rio de Janeiro." O estudo faz parte do programa Rotas de Fuga, do Observatório de Favelas do Rio de Janeiro.

A partir de entrevistas realizadas com 230 crianças, adolescentes e jovens integrantes de grupos armados em 34 comunidades da cidade do Rio de Janeiro foi possível analisar o perfil socioeconômico, cultural e educacional dos envolvidos com o tráfico. Os entrevistados tinham entre 11 e 24 anos e 57,4% deles ingressaram na atividade quando tinham entre 13 e 15 anos.

Durante cinco meses, 152 dos 230 jovens escolhidos para participar do estudo foram acompanhados sistematicamente por uma equipe de dez entrevistadores. O trabalho de campo prosseguiu até maio de 2006, quando os últimos dados da pesquisa foram coletados.  
<http://www.comunidadessegura.org/?q=en/node/31034>

Jovens no tráfico: alta rotatividade e baixos salários  
Aline Gatto Boueri 24/11/2006 - 10:02

Qual o perfil do jovem que vive (e morre) do tráfico? Um passo importante para responder à difícil pergunta foi dado ontem com o lançamento da pesquisa "Caminhada de crianças, adolescentes e jovens na rede do tráfico de drogas no varejo do Rio de Janeiro." O estudo faz parte do programa Rotas de Fuga, do Observatório de Favelas do Rio de Janeiro.

A partir de entrevistas realizadas com 230 crianças, adolescentes e jovens integrantes de grupos armados em 34 comunidades da cidade do Rio de Janeiro foi possível analisar o perfil socioeconômico, cultural e educacional dos envolvidos com o tráfico. Os entrevistados tinham entre 11 e 24 anos e 57,4% deles ingressaram na atividade quando tinham entre 13 e 15 anos.

Durante cinco meses, 152 dos 230 jovens escolhidos para participar do estudo foram acompanhados sistematicamente por uma equipe de dez entrevistadores. O trabalho de campo prosseguiu até maio de 2006, quando os últimos dados da pesquisa foram coletados.

Ao final do estudo, a alta rotatividade de jovens empregados pelo tráfico ficou evidente: dos 152 que passaram por acompanhamento regular, 22 haviam morrido, 30 haviam saído voluntariamente do tráfico e 46 não foram encontrados. Quando se considera o total de 230 jovens, o que inclui aqueles que não foram entrevistados regularmente ao longo dos quase dois anos de pesquisa, o número de mortos chegou a 45 até abril de 2006. Apenas 97 jovens continuavam trabalhando no tráfico quando a pesquisa foi concluída.

Segundo Jailson de Souza e Silva, coordenador geral do Observatório, o universo restrito do tráfico de drogas faz com que o número de entrevistados seja significativo e que a pesquisa, mesmo não sendo amostral, tenha informações suficientes para se fazer uma projeção do quadro real.

O mito do lucro fácil desconstruído

A idéia de que o lucro fácil seria o maior motivo para o ingresso no tráfico de drogas foi desconstruída pela pesquisa. Apesar de a maioria dos jovens ter afirmado que seu maior desejo na vida é ganhar muito dinheiro, os dados apontam para uma queda nos rendimentos: 57% ganham de um a três salários mínimos, onde R\$260,00 é o valor de referência.

Coincidentemente, a mesma porcentagem de jovens não possui nenhum dia de folga por semana e os que têm direito têm disponibilidade permanente para o tráfico, ainda que fora de serviço. A atividade de 'vapor' (vendedor da droga nas bocas-de-fumo) corresponde a 33% dos cargos dos entrevistados. Em 2001, pesquisa semelhante mostrou que esta atividade rendia entre 10 e 15 salários mínimos. Hoje em dia, 64,9% dos que declararam estar no cargo de 'vapor' afirmaram ganhar entre 1 e 3 salários mínimos.

A pesquisa constatou também o grau de precariedade da vida desses jovens. O alto índice de evasão escolar e uso de drogas, combinados com o difícil acesso a espaços públicos fora de sua comunidade faz com que seu universo sociocultural seja muito restrito. Dos 230 entrevistados, 89,57% se declararam usuários de algum tipo de droga e cerca de 27% começaram a fazê-lo antes de 12 anos.

Do total de jovens que passaram pela pesquisa, 90% disseram que sabiam ler e escrever, mas apenas 5,2% concluíram o ensino médio. A maioria estudou apenas até a 5ª série e apenas 7% ainda tinham vínculo formal com a escola.

Articuladores enfrentaram dificuldades na coleta de dados

O critério de escolha dos articuladores se baseou em suas trajetórias junto às comunidades e sua relação com a rede social do tráfico local de modo que pudessem ter acesso a informações sobre a atividade, o que não necessariamente significa envolvimento direto com ela.

Ao longo da pesquisa, uma articuladora abandonou a tarefa porque perdeu um irmão assassinado pelo tráfico e um articulador foi detido e espancado pela polícia, o que o fez desistir também de envolver-se com a coleta de dados.

O inverso da política de proteção à vida

Segundo aqueles que foram submetidos ao questionário, enfrentamentos com a polícia foram a causa de 60,4% das mortes registradas ao longo do estudo. Para Fernando Lannes, coordenador adjunto do OF, a cultura policial de encarar o morador da favela como alvo é reflexo de uma complacência social com esse tipo de atitude. "A sociedade fecha os olhos para a ação policial violenta nas favelas", afirma.

Para Lannes, faz parte da política de segurança pública do Rio de Janeiro a prática de "eliminar o sujeito em seu limite". Para ele, a cultura de combate ao crime é responsável pelo extremo das operações policiais. "A presença do 'Caveirão' nas favelas é o inverso da política de proteção à vida, que deveria ser adotada pelo Estado", analisa.

A vulnerabilidade a ações violentas, segundo a pesquisa, não é exclusividade de quem exerce atividades diretamente relacionadas ao comércio de drogas ilícitas. Dos 145 familiares assassinados, 41 não tinham envolvimento com a atividade. Os jovens relataram também ter presenciado 122 mortes e 205 espancamentos durante os primeiros cinco meses da pesquisa.

Lannes acredita que a descriminalização das drogas é um caminho possível para que seu uso não continue a ser diretamente relacionado com a violência. A equação que caiu no senso comum no início dos anos 2000 e coloca o lucro do tráfico como o principal financiador das armas e, por consequência, o responsável pelos altos índices de homicídio no Rio de Janeiro, poderia ser invertida. "Uma política que focasse na questão do controle de armas e se desviasse da criminalização das drogas seria mais eficaz no combate à violência", conclui o coordenador adjunto.